

Gerdau pede fim da insegurança

O governo deve reduzir sua presença na economia brasileira, permitir a evolução para o ambiente de livre mercado, reduzir o déficit público e possibilitar o investimento privado através de mecanismos de financiamento a longo prazo. Essas foram as principais sugestões apresentadas ontem no Rio para a continuidade do



10.9.85

Gerdau: intervencionismo atemoriza

Plano Cruzado, durante o painel sobre os impactos do programa de estabilização econômica, no VIII Congresso da Associação Brasileira dos Analistas do Mercado de Capitais.

Representando o setor industrial, o empresário Jorge Gerdau Johannpeter, presidente do grupo Gerdau, afirmou que a principal indagação existente hoje no meio empresarial é se há segurança ou não para investimentos. Segundo ele, o governo vem caminhando crescentemente no sentido de maior intervencionismo na economia e isso atemoriza os empresários, na medida em que os atos administrativos parecem não acreditar que o mercado realmente funcione satisfatoriamente por suas próprias leis. Gerdau manifestou sua preocupação com a estrutura de formação de preços básicos e a insegurança que isso provoca no setor empresarial.

"Enxergamos com clareza, por exemplo, que alguns setores como os de energia, aço e petróleo estão com estrutura de preços defasada, abaixo dos padrões internacionais. Mesmo se as empresas estatais tivessem endividamento igual a zero, continuariam operando com prejuízo. Como um empresário que trabalhe com aço pode tomar decisões se não sabe o preço real do produto e as tarifas que incidirão sobre ele? Ele precisa tomar decisões baseadas em situação de mercado" — afirmou, acrescentando que o tabelamento de preços alongado não se compatibiliza como uma economia ampla e diversificada.

O ex-presidente da Comissão de Valores Mobiliários, Roberto Teixeira da Costa, também criticou as modificações na legislação de tributação do mercado de capitais determinadas pelo governo, o que, segundo

ele, gera incertezas que provocam atitudes especulativas. "Se nos deixarem trabalhar, não tenho dúvidas de que em 10 anos o mercado de capitais brasileiro será um dos cinco mais importantes do mundo", afirmou. O Plano Cruzado, avaliou, ainda, trouxe um aumento de volume de recursos na Bolsa de Valores e multiplicação do número de aplicadores, ao mesmo tempo que gerou certas distorções, como a expectativa de tradicionais investidores em aplicações de renda fixa de obterem rendimentos semelhantes ou maiores nas aplicações em renda variável. Na opinião dele, porém, a tendência do mercado de capitais é se tornar mais técnico e seletivo.

O ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, por sua vez, defendeu o corte nas despesas correntes e no déficit público, a criação de instrumentos de poupança e o aumento do Imposto de Renda na fonte, como formas de conter a demanda excessiva e permitir ao governo, gradualmente, iniciar o processo de descongelamento de preços. Ele afirmou que, depois de uma fase de deslumbramento inicial com o Plano Cruzado, o Brasil se encontra hoje entre a fase de escassez e do "ágio envergonhado" e avaliou que se a demanda continuar crescente, o perigo é se chegar à fase do ágio escancarado", o que em outras palavras, significaria o fracasso do Plano Cruzado e a volta da inflação. Daí, a necessidade de contenção da demanda.

Rio-Ag. Estado